

A geografia regional «vidaliana»

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO E IDEOLÓGICO*

Álvaro António Gomes Domingues

1. *Dinâmica de evolução do conhecimento científico-evolução do pensamento geográfico*

A Geografia, tal como todas as outras ciências, constitui um corpo de conhecimentos que supõe métodos e objectivos de estudo. Esse corpo de conhecimentos apresenta-se-nos como o resultado, o produto da actividade das pessoas e instituições (os Geógrafos, no nosso caso) e as Universidades ou quaisquer outras «organizações onde a actividade de produção de conhecimentos científicos se exerce» (NUNES, 1982, p. 32). Esta prática científica, longe de constituir uma actividade isolada de um grupo, constitui o «modo específico de inserção e participação dos investigadores (...) na prática social» (NUNES, 1982, p. 123); as Ciências Humanas, em particular, posicionam-se mais próximo da sociedade pois que, ao contrário das Ciências Naturais que «estudam um conjunto de factos *exteriores* aos homens», elas dizem respeito às «acções humanas, à sua estrutura, às aspirações que as animam e às mudanças que elas sofrem», fazendo com que haja uma «identidade parcial entre o sujeito e o objecto de conhecimento» (GOLDMANN, 1966, p. 33). Desta maneira, o estudo da evolução das teorias e métodos da Geografia (a evolução da construção do objecto científico), não pode ser visto isoladamente, internamente ao campo restrito da produção científica. Este campo de produção, já o dissemos, insere-se num outro mais vasto, constituído pelo conjunto das práticas sociais, do qual contém categorias de conhecimentos a que, por oposição, se poderá chamar conheci-

* Relatório apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto como prova de aptidão pedagógica para passagem a assistente.

mento ideológico, ideologia ou imaginário social (este último conceito envolve, segundo ANSART, o mito, a religião e a ideologia política (1977, pp. 21-46), socialmente construída e consumida, constituindo «um conjunto coordenado de representações, um *imaginário*, através do qual ela (sociedade) se reproduz e que (...) exprime as necessidades colectivas e os fins a realizar» (ANSART, 1977, p. 21). Esta situação obriga-nos ao não isolamento da análise do discurso científico das suas condições ideológicas de produção e difusão; a uma espécie de leitura nas entrelinhas de uma mensagem nem sempre explícita mas presente de uma forma ou de outra. Por outras palavras, somos obrigados, para entender a dinâmica de evolução do conhecimento científico, a optar por duas linhas paralelas (ou tangentes?) de desagregação analítica: uma *internalista* - privilegiando os corpos filosóficos e metodológicos que fundamentam a construção do objecto científico - e outra *externalista* - respeitante às práticas sociais que não dizem respeito directamente ao estrito campo científico. De um ponto de vista internalista é usual utilizar-se na explicação da evolução das ciências a análise de Kuhn - «A Estrutura das Revoluções Científicas» (1962) - baseada na mudança de paradigmas ¹. Na concepção de Kuhn, a evolução dos paradigmas faz-se segundo um processo revolucionário durante o qual o velho paradigma se desvanece dando lugar a um novo, sendo «as diferenças entre paradigmas sucessivos, necessárias e irreconciliáveis» (KUHN in CAPEL, 1981, p. 252). O pensamento científico evoluiria, assim, por sucessivas rupturas, períodos de revolução de paradigmas, seguidas de épocas de «ciência normal» (CAPEL, 1981, p. 254) onde o novo paradigma seria «universalmente reconhecido e que, durante certo tempo proporcionaria modelos e soluções a uma comunidade científica» (KUHN in CAPEL, 1981, p. 251). A aplicabilidade do modelo de evolução das ciências proposto por Kuhn, enferma, no entanto, algumas dificuldades quando aplicado à evolução do pensamento geográfico. A primeira dificuldade resulta da indefinição presente na utilização do conceito de paradigma em geografia - ele aparece dizendo respeito aos métodos, às teorias, aos objectos científicos (região, por exemplo), aos princípios filosóficos (o paradigma naturalista, por exemplo), etc. (STODDART, 1982, p. 10). Uma outra dificuldade

¹ Paradigma, segundo Kuhn, é uma «realização científica universalmente reconhecida que, durante certo tempo proporciona modelos e soluções a uma comunidade científica» (KUHN, in CAPEL, 1981, 1981, p. 251) ou ainda «un logro o realización científica fundamental que incluye a la par una teoría y algunas aplicaciones ejemplares a los resultados del experimento y la observación (...) y, finalmente es una realización aceptada en el sentido de ser recibida por un grupo cuyos miembros no intentan ya rivalizar con ella ni crearle alternativas.» (CAPEL, 1980, p. 168).

diz respeito ao carácter «revolucionário», de profunda ruptura aquando da substituição dos supostos paradigmas, o que contradiz, para o caso da geografia, uma evolução que se faz quase sempre segundo uma continuidade no sentido de que se retomam construções teóricas e metodológicas já anteriormente aplicadas por outros geógrafos de outras escolas, de outros países e/ou de outros tempos (STODDART exemplifica-nos um destes processos com o surgimento da «Nova Geografia» - 1982, pp. 9-17), desta maneira, «as revoluções foram mais processos do que sucessos pontuais, implicando uma mudança de ênfase mais que a substituição em massa de um conjunto de atitudes por outro» (STODDART, 1982, p. 14). Esta situação justifica-se duplamente se pensarmos que a Geografia, tal como outras ciências, é uma ciência de «encruzilhada», pluridisciplinar, que, como tal, pode ter novos contributos pontuais de outras ciências, modificando parcialmente as suas metodologias, compatibilizando-as com as já utilizadas.

Uma terceira dificuldade advém do facto de que Kuhn forneceu-nos uma explicação formal para a «queda ou sucesso» dos paradigmas, explicação essa que diz apenas respeito à «eleição entre modos incompatíveis de vida da comunidade científica» (KUHN in CAPEL, 1981, p. 252), sem nada nos dizer acerca da articulação da prática científica com a prática social global, das pressões que aquela sofre por parte desta, das «tensões sociais e económicas assim como das intelectuais não só na Geografia como nas disciplinas vizinhas» (STODDART, 1992, p. 14) e da influência que pode ter toda a estrutura hierárquica no seio dos organismos de produção científica, as condições de institucionalização das ciências, as reformas no ensino..., o que justificaria parcialmente não as rupturas drásticas mas sim, a maior parte das vezes, o estilhaçar do trabalho de geógrafo em várias concepções e outros tantos autores e instituições que subsistem paralelamente tendo os seus próprios canais de distribuição e as suas audiências específicas sem que tenha havido, a nível geral, um corte profundo em toda a realidade daquilo que se entende como paradigma (cfr. STODDART, 1982, pp. 9 a 19 e CAPEL, 1980, p. 133-151).

Para lá das críticas já apontadas do modo de explicação da evolução científica proposto por Kuhn ², impõe-se-nos uma conclusão, uma proposta a retirar: a importância do estudo dos processos filosóficos e metodológicos como critério válido para perceber essa evolução, independentemente do resultado final ser a compatibilização dessas filosofias e métodos ou os cortes profundos, as «rupturas paradigmáticas». Paralelamente, teremos que buscar outras formas de ex-

² Acerca das críticas ao modelo de Kuhn, ver também em GREGORY, 1979, pp. 52/53.

plicação, não menos importantes, para lá destes factores internos (próprios do pensamento científico) de modo a não isolar o discurso científico das suas condições sociais de produção, distribuição e consumo, a não isolar a «teoria da prática» (RACINE, 1977, p. 5) - «é forçoso admitir actualmente que uma certa forma de investigação traduz de modo quase explícito a existência no espírito do investigador, de uma intensa orientação ideológica» (RACINE, 1977, p. 14), ou, por outras palavras, «o investigador é apanhado na rede de preocupações do seu tempo e do seu meio; o conhecimento desenvolve-se num contexto que não podemos ignorar; a lógica estabelece a validade dos encadeamentos dedutivos, mas ela opera apenas ao nível daquilo que explica, sem explicitar uma parte dos pressupostos do pensamento social» (CLAVAL, 1980, p. 8). Capei entende este tipo de «interferências» a dois níveis: o que diz respeito aos factores sociais - «La presión para conseguir una respuesta científica a demandas sociales y económicas» (1980, p. 145) - e aquilo que tem a ver com «factores relacionados con la propia comunidad científica (...) su jerarquía, sus relaciones con el exterior o su aislamiento. Las oportunidades profesionales que pueden ofrecer a los miembros más jóvenes...» (p. 147); esta segunda postura é importante, ainda segundo Capei, para compreendermos entre outras coisas, o sucesso ou declínio de determinados modelos de investigação, os mecanismos da sua difusão - «en general, la estructura jerárquica de la comunidad científica contribuye al mantenimiento y estabilidad de las concepciones científicas, lo que puede poseer a la vez consecuencias negativas, al dificultar el cambio intelectual, y positivas, en cuanto que permite profundizar en los problemas científicos planteados (...) de otra manera difícilmente podría entenderse el mantenimiento de la concepción regional en Francia hasta 1968 (...) lo cual resulta más fácil de hacer aludiendo a la jerarquizada estructura de la comunidad de geógrafos franceses (CAPEL, 1980, p. 147) - «... en el año 1922, todas las cátedras de geografía de Francia estaban controladas por discípulos de Vidal o bien por discípulos de sus discípulos (DICKINSON in ESTÉBANEZ, 1983, p. 56) ³

As duas propostas de análise da evolução da prática científica até aqui propostas (explicação «internalista» e «externalista»), longe de constituírem aproximações mutuamente exclusivas, podem e devem ser articuladas de molde a obtermos uma melhor explicação.

³ Abundam já na bibliografia os estudos tendentes a captar as diferentes leituras ideológicas do trabalho do geógrafo; ver CAPEL, 1981, pp. 173 a 203; GRANO, 1982, pp. 20 a 38; GREGORY, 1978; LACOSTE, 1976 e 1979 entre outra bibliografia já citada.

não só para essa dinâmica de evolução, como também para percebermos pontualmente a formação de um novo «paradigma»; a *Fig. 1* pretende esquematizar isso mesmo:

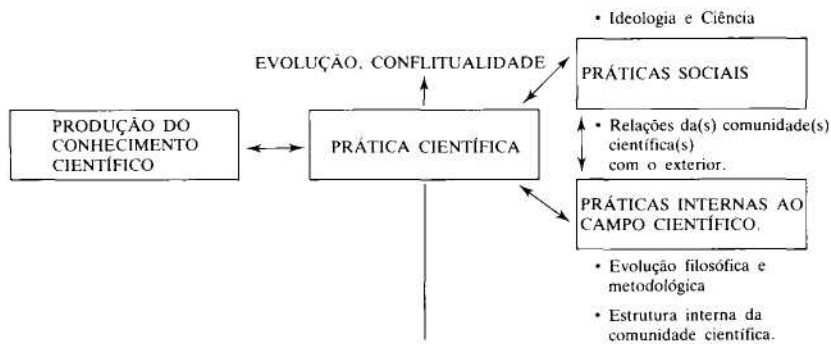


Fig. 1 - Evolução da prática científica; factores explicativos.

2. *Aplicação do modelo de análise proposto - a geografia regional «vidaliana»*

2.1 *-Enquadramento teórico-metodológico e institucional.*

Vidal de la Blache (1845-1918) é frequentemente apontado como o pai espiritual da Geografia Regional Francesa e responsável pela ruptura entre, por um lado a geografia positivista alemã (plasmada sobretudo na obra de Ratzel) e, por outro, a geografia descritiva francesa largamente dominante até meados do séc. XIX - «la géographie n'est qu'une discipline pratique propre à fournir au politique, au diplomate, au militaire, au commerçant... des renseignements immédiatement utilisables» (BROC, 1976, p. 229). Ao mesmo tempo essa «ruptura» é-nos apresentada em função do enquadramento teórico e metodológico (pela negação do determinismo natural e pela importância da história) e à escala da construção do objecto científico definido agora não a um nível geral, a terra, o Universo, mas sim a um nível regional (corológico).⁴ Tudo isto nos finais de uma conjuntura em que a geografia francesa emergia de uma letargia a que tinha estado votada, «la géographie ait traversé en France pendant la plus grande partie du XIX siècle une sorte de long purgatoire» (BROC, 1976, p. 255), com um vigoroso esforço de institucionalização no

⁴ No sentido em que é utilizado por HARTSHORNE. 1939.

quadro do ensino superior, médio e primário, onde se vislumbrava um esforço de avivar a «consciência colectiva» da França, depois do traumatismo de 1870-71 (derrota com a Alemanha e anexação da Alsácia-Lorena). O mesmo esforço notou-se, paralelamente, na criação e desenvolvimento das Sociedades de Geografia: estas, «prefaziam um número de 23 em 1880, agrupando 20 000 membros o que constituía um recorde na Europa e no mundo» (BROC, 1974, p. 551). Nomes de Geógrafos como Levasseur, Duruy, Reclus, Schrader e Drapeyron estão associados a este amplo movimento em que a preocupação principal era a formação de professores especializados para os liceus e a difusão da geografia como «vulgarizadora do conhecimento da terra com fins coloniais comerciais» e patrióticos, (BROC, 1974, p. 565).⁵ Este desenvolvimento pautava-se, em termos de conteúdos, por uma dispersão enorme do trabalho dos geógrafos, estruturado em dois grupos principais: a Geografia Física e a Geografia Humana; esta dualidade, presente até na institucionalização da Geografia no ensino superior (BROC, 1974, pp. 562 a 565; CAPEL, 1981, p. 335), dividida entre as Faculdades de Ciências e as de Letras, ameaçava a unidade da Geografia e o seu próprio estatuto como ciência autónoma. E o próprio Vidal de La Blache que, louvando a obra de Ratzel, reconhece a tendência para essa desagregação, sustentando aquilo que fora conseguido pelo geógrafo Alemão, uma posição na «conjunción de las ciencias naturales y de las ciencias del Hombre» (CLAVAL, 1974, p. 54) com a reconstrução da «unidad de la ciencia geográfica sobre la base de la naturaleza y de la vida (BLACHE, 1898, in CLAVAL, 1974, p. 54.).

A trajectória intelectual de Vidal de La Blache faz-se, assim, no meio de um fogo cruzado entre a filosofia historicista francesa, os geógrafos alemães (Humboldt, e, sobretudo Ritter e Ratzel), numa época de profundo desenvolvimento da institucionalização e reestruturação da Geografia no ensino, seguindo o modelo Alemão - «le modèle qu'on propose d'imiter est l'Université allemand. C'est qu'on est convaincu que la victoire de l'ennemi était due à sa supériorité intellectuelle» (WINLING, 1975, in BROC, 1979, p. 72)⁶ ao mesmo

⁵ «La géographie des années 1870-1890 est fille du colonialisme et de l'impérialisme (...), Drapeyron déclare, à l'issue du congrès de 1875 que «Le monde appartiendra à celui que le connaîtra mieux». Pours les savants de l'amour propre national, les préoccupations commerciales et coloniales, les buts scientifiques et humanitaires se confondent dans une même bonne conscience et dans un même enthousiasme géographique» (BROC, 1974, p. 564).

⁶ Em 1890 «toutes les universités allemandes ont un enseignement spécialisé de géographie, alors que la France n'a que cinq chaires» (BROC, 1977, p. 73). Por esta data e até 1898, Vidal ocupava a cadeira de Geografia da Escola Normal Superior de Paris (cf. NICOLAS-O, 1981, p. 11).

tempo que se procura salvaguardar uma unidade interna ameaçada pelo fosso cada vez mais cavado entre a Geografia Física e a Humana. Tais são os grandes cortes analíticos que daqui para diante iremos utilizar para compreendermos a emergência da Geografia Regional.

2.1.1. *A influência da Geografia Alemã*

Formado em História (tese: «Hérode Atticus. Etude critique sur sa vie», Paris, 1672; tese complementar «De titulis funebribus groecis in Asia minore», Paris, 1872), Vidal de La Blache parece ter-se aproximado da obra de Ritter por duas questões fundamentais: o prestígio do mestre alemão, «considerado especialista no Próximo Oriente», e a sua base filosófico-metodológica que une «intimamente a história e a geografia» (NICOLAS-O, 1981, p. 8); a mesma ideia está presente em Orlando Ribeiro quando, referindo-se a Vidal nos diz: «intéressé au cadre du passé, il cherche un guide pour mieux le comprendre et découvre *l'Erdkunde* de Carl Ritter (1817-1859), puis la Géographie allemande - une discipline scientifique neuve et vivante, appuyée à la fois sur les Sciences de la Nature et sur l'Histoire» (RIBEIRO, 1968, p. 41).

Sem pretendermos fazer uma análise exaustiva da obra de Ritter, iremos sobretudo apoiarmo-nos em leituras paralelas dos dois autores, de modo a salientarmos o conteúdo daquilo que foi a influência principal deste Geógrafo em Vidal: a necessidade de fazer o *encadeamento*, «enchainement», entre a Natureza e a História, as relações entre os factos físicos e os humanos - «La Tierra y sus habitantes se hallan en las más estrechas relaciones mutuas y un elemento no puede ser considerado en todas sus fases sin los otros. En este sentido la Historia y la Geografía deben ir siempre juntas. *El territorio actúa sobre los habitantes y los habitantes sobre el territorio*» (RITTER, 1804, in CAPEL, 1981, p. 46, sublinhado nosso). Diria Levasseur em 1872 que a Geografia é «une chaîne de notions partant de la structure du sol et aboutissant à la civilisation... la géographie physique en est le premier anneau» (LEVASSEUR in BROU, 1976, p. 231) e, da mesma maneira, Vidal afirmaria em 1894 que «envisagés isolément les traits dont se compose la physionomie d'un pays ont la valeur d'un fait; mais ils n'acquièrent la valeur de notion scientifique que si on les replace dans *l'enchainement* dont ils font partie (...) pour rendre cet enchainement sensible il faut s'efforcer de reconstituer (...) les anneaux de la chaîne.» (BLACHE, 1894 in RIBEIRO, 1968, p. 642). Este encadeamento, sempre presente na obra de Vidal (quer para destacar as individualidades regionais, quer para, ao contexto da Geografia Geral, constituir conceitos como o de «genre de

vie» ou «milieu»), não é compreensível sem a sua dimensão cronológica, facto também já apontado por RITTER: «La ciencia de las relaciones terrestres especiales no puede prescindir así de una dimensión temporal, o cuadro cronológico, lo mismo que la ciencia de las relaciones terrestres temporales no pueden prescindir de un teatro o marco espacial en el que estas relaciones se han tejido necesariamente. La historia tenía que poseer, en efecto, un marco espacial para poder realizar-se (RITTER in CAPEL, 1981, p. 49); da mesma maneira Vidal de la Blache sustentava, logo no início do seu «Tableau de la Géographie de la France» (1903) que «*L'histoire d'un peuple est inséparable de la contrée qu'il habite*» (BLACHE, 1903 p. 5, subl. nosso) ou ainda que «les influences du milieu ne se révélaient à nous qu'à travers une masse de *contingences historiques* qui les voile» (BLAQUE, 1922, p. 8, subl. nosso).

Num outro contexto, não podemos esquecer também a influência da obra de Ratzel ⁷ (este, profundamente imbuído de um espírito positivista e naturalista, procurando na Natureza e nas Ciências Naturais - principalmente na recém formada ecologia de Haeckel e no Evolucionismo de Darwin - a explicação primeira e definitiva da sociedade e o método das Ciências Sociais e da Geografia Humana, em particular) de quem Vidal foi também um crítico atento, referindo-se à «forma dogmática (da Geografia Política, RATZEL, 1898) pouco conforme com a relatividade dos fenómenos» (in BROU, 1977, p. 89), mas aproveitando e louvando o seu esforço de «restabelecer na Geografia o *elemento humano*, cujos métodos pareciam esquecidos, e reconstituir a *unidade* da ciência geográfica na base da natureza e da vida» (BLACHE in CLAVAL, 1974, p. 54, subl. nosso) e aceitando o facto de que «les faits de géographie humaine se rattachent à un ensemble terrestre et ne sont explicables *que* par lui» (BLACHE, 1922, p. 5, subl. nosso); nos «Principes...» (BLACHE, 1922) é bem evidente a influência de Ratzel, sobretudo no que respeita ao enquadramento naturalista e às analogias orgânicas (cf., por exemplo, pp. 11, 12 e 24).

2.1.2. *As filosofias Historicistas e Espiritualistas*

«Frente ao dualismo desagregante e ameaçador, a Geografia Regional configurou-se como a via mais segura para a sobrevivência da

⁷ BROU (1977) faz notar claramente que a influência de Ratzel nos geógrafos franceses (sobretudo Vidal, Brunhes e Raveneau) nem sempre significa uma imitação. Para Vidal, a influência do autor alemão é bastante «difusa» até porque ela atinge o Mestre francês numa fase já de bastante maturidade intelectual (cf. BROU, 1977, pp. 86 a 94).

ciência. A própria tradição geográfica, por um lado, e as achegas teóricas do historicismo, por outro, facilitaram os fundamentos deste caminho integrador» (CAPEL, 1981, p. 38).

A segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, constituiu uma época de grande confronto filosófico entre, por um lado as perspectivas naturalistas e positivistas (veja-se em CAPEL, 1981, pp. 273-286, o impacto da obra de Darwin) e, por outro as correntes contrárias das filosofias neo-Kantianas, profundamente críticas em relação ao monismo científico positivista e defendendo a irredutibilidade metodológica das Ciências Naturais e Sociais.

O historicismo, onde englobaremos todas as filosofias neo-Kantianas (contingentistas, espiritualistas, realistas...), constrói-se sobretudo, já o dissemos, em oposição ao positivismo, na «crítica do modelo naturalista (...), na afirmação da especificidade das ciências humanas (...) e da afirmação correlativa da antinomia natureza/história» (CAPEL, 1981, p. 314). Freund caracteriza-o da seguinte maneira: como filosofia, «faz da história o fundamento de uma concepção geral do mundo», como metodologia, «opõe-se ao imperialismo naturalístico (...) vendo unicamente na história uma das condições de inteligibilidade do real (...) exigindo a autonomia das ciências humanas com um estatuto e uma lógica próprias» (FREUND, 1977, pp. 112--114). O movimento historicista teve, na Alemanha da segunda metade do séc. XIX, um grande impacto através das obras de grandes filósofos como Dilthey (1833-1912), Rickert (1863-1936) e Windelband (1848-1915), este último foi colega de Hettner que, por sua vez, assimilou totalmente a filosofia dualista daquele (ciências nomotéticas/ideográficas), como comprova a seguinte afirmação: «al descubrir realidades individuales, fenómenos simples e grupos de fenómenos, la geografía es una ciencia *ideográfica*; al clasificar estos fenómenos en categorías y deducir leyes se convierte en *nomotética*» (HETTNER, 1927, in CAPEL, 1981, p. 326).⁸ Ao mesmo tempo, e para lá da dualidade do método, Hettner, situa a geografia como um corpo de conhecimentos específicos situados entre as Ciências Naturais e as Ciências Humanas, «ni une science naturelle, ni une science humaine, mais les deux à la fois» (HETTNER, 1907, in BROU, 1977, p. 85).

Em França as coisas passaram-se, em relação a Vidal de la Bla-

⁸ Hettner resolveria assim o desafio proposto pelas filosofias anti-positivistas; estas, admitindo a irredutibilidade entre as Ciências Naturais e Humanas, alargariam o fosso entre a Geografia Física e a Humana. Com a Geografia Regional, Hettner substituiu esta dualidade, admitindo a dualidade metodológica entre uma Geografia Geral nomotética e uma Geografia Regional ideológica, (cf. CAPEL, 1981, 318-333).

che, não de uma maneira muito distinta: «Vidal é nomeado em 1877, professor da Escola Normal Superior de Paris ao mesmo tempo que o filósofo Emile Boutroux» (CAPEL, 1981, p. 329). Boutroux perfilava-se na escola filosófica anti-positivista, defendendo a irreduzibilidade entre a matéria e o espírito, negando o determinismo naturalista e afirmando a liberdade do Homem. O título da sua obra mais marcante, «De la Contingence des Lois de la Nature», 1874, é sugestivo do seu conteúdo: as leis científicas, à medida que dizem respeito ao conhecimento do «universo de ordem superior», a vida, o pensamento, acrescentam a sua margem de «contingência»⁹; «o Homem é autor do seu carácter e do seu destino»; não é a «natureza das coisas que deve constituir o objecto supremo das nossas investigações senão a sua *história*»; a matemática, suporte das ciências físicas, não é extensível a todas as ciências - «quanto mais se queira captar o ser na sua realidade concreta, mais nos devemos contentar com a *observação* e a *indução*, substituindo o emprego da análise matemática (...) que imprime às ciências o seu carácter de abstracção. O ser concreto é vivo e recusa encerrar-se nela» (1895); «o homem pode actuar, pôr a sua marca na matéria, fazer uso das leis da Natureza para criar obras que o superem» (BOUTROUX, in CAPEL, 1981, pp. 329-332). Nicolas-O, um autor já citado (1976), confirma a influência de Boutroux em Vidal, acrescentando, no entanto, outras possíveis influências vindas do filósofo Cournot através da obra de E. Levasseur (este conhecido e citado por Vidal); aqui, teria Vidal ido buscar a necessidade do «encontro entre as ciências naturais e Históricas» (NICOLAS-O, 1976, p. 16) e a explicação da causas complexas, o *enca-deamento* entre os factos que só assim encontram a sua plena significação (idem, 1976, pp. 15-19). De uma maneira ou de outra, há aqui qualquer coisa de evidente e coincidente entre, por um lado, a influência de Ritter, de Cournot/Levasseur ou de Boutroux. A filosofia historicista permite a Vidal ultrapassar o dogmatismo de Ratzel e continuar a linha de Ritter mas, defendendo a desigualdade metodológica entre as ciências Naturais e humanas, qual seria o lugar da Geografia?

Vidal de Ia Blache fornece-nos algumas respostas não sem uma certa contradição; por um lado, diz que a Geografia «se vincula no grupo das *ciências naturais*» onde ocupa um lugar à parte (BLACHE, 1913 in NICOLAS-O, 1976, p. 26) e mais adiante, confirma que «elle (géographie Humaine) est une branche, une face de Ia Géographie et non *pas une science sociale*» (BLACHE in RIBEIRO, 1968, p. 660,

⁹ Diria Vidal que «tudo o que afecta o homem está mediatizado pela contingência» (BLACHE, 1917 in CLAVAL, 1974, p. 70).

sublinhado nosso); por outro sustentam finalmente, que ela se define pelo seu objecto: «l'aptitude à ne pas morceler ce que la nature rassemble, à comprendre la correspondance et la corrélation des faits, soit dans le milieu terrestre qui les enveloppe tous, soit dans les *mi-lieux régionaux*, où ils se localisent (...) *La Géographie est la science des lieux et non celle des hommes*; elle s'intéresse aux événements de l'histoire en tant qu'il mettent en oeuvre et en lumière, dans les contrées où ils se produisent, des propriétés, des virtualités qui *sans eux seraient restées latentes*» (BLACHE, 1913 in RIBEIRO, 1968, p. 660, subl. nosso). Orlando Ribeiro interpreta estas afirmações sustentando que «na sua concepção (de Vidal) a *Geografia é una*: ela *descreve* as paisagens onde os traços físicos e humanos estão misturados; *explica* as relações locais complexas (...). O relevo não se pode compreender sem a geologia, os aglomerados humanos sem a história ou até a pré-história: o agenciar original dos espaços terrestres só se clarifica plenamente *à luz dos tempos*» (RIBEIRO, 1968, p. 649). No entanto, parece ser nos «lugares», nas construções regionais, que Vidal encontra a unidade da Geografia - «*a síntese regional (...) é o objecto último do trabalho do Geógrafo*, o único terreno onde ele se encontra a si próprio. Ao compreender e explicar a lógica interna de um fragmento da superfície terrestre, o geógrafo desprende uma *individualidade* que não se encontra em nenhuma outra parte» (BLACHE in ESTÉBANEZ, 1982, p. 58, subl. nosso); é aqui que os «enchainements» se podem mais profundamente entender; que a «contingência» mais claramente se apreende, destacando os individualismos; que a observação e a intuição mais se justificam. Existe como que uma adaptação do método e dos instrumentos de análise à escala da construção do objecto científico; as regiões e sobretudo os «pays» constituem quadros ideais para este tipo de aproximação exaustiva em que, na mesma área se procuram recriar todas as redes de interligações entre a natureza e a cultura com a única preocupação de demonstrar originalidades, de as descrever. Ao mesmo tempo cria-se um objecto único ao estudo dos geógrafos, contornando potenciais imperialismos da história, da sociologia ou das Ciências Naturais, resolvendo as rupturas internas entre a Geografia Física e a Geografia Humana que aqui «encontram, através das condições locais as analogias que expressam a generalidade das leis terrestres» (BLACHE, 1913, in NICOLAS-O, 1976, p. 26) - «on comprend mieux dès lors la portée de l'oeuvre de Vidal de la Blache. L'analyse des genres de vie, la description des réalités régionales ne sont que les pièces d'un ensemble plus vaste: ce qui compte, c'est saisir vraiment le mouvement de la vie de constructions complexes» (CLAVAL et NARDY, p. 99).

A Geografia Regional¹⁰, não sem conter um certo determinismo (cf. RIBEIRO, 1968, p. 649), tem, como em Ratzel, a sua base explicativa nos factores naturais (as considerações de geologia, clima, morfologia, e cobertura vegetal dominam a maior parte das obras de Geografia Regional Clássica), garantindo a unidade da própria Geografia (mau grado a sua indefinição entre as Ciências Sociais e Naturais), garantia essa que lhe advém também do facto de reunir os geógrafos à volta de um objectivo comum - o estudo das regiões - espacialmente delimitado, evitando por isso que os investigadores sobrepusessem os seus temas (cf. NICOLAS-O, 1976, pp. 34-38). A hierarquização interna da Geografia institucionalizada, exercendo o seu controle através da apreciação das teses dos novos geógrafos, funcionava como «um circuito autónomo de pressão» que «difícilmente aceitava a inovação e criava uma tendência para o servilismo» (Claval, 1972 in NICOLAS-O, 1976, p. 36), mantendo a unidade metodológica até muito recentemente (ver p. 8).

Podemos resumir, então, a construção do pensamento científico de Vidal de la Blache a partir das influências seguintes:

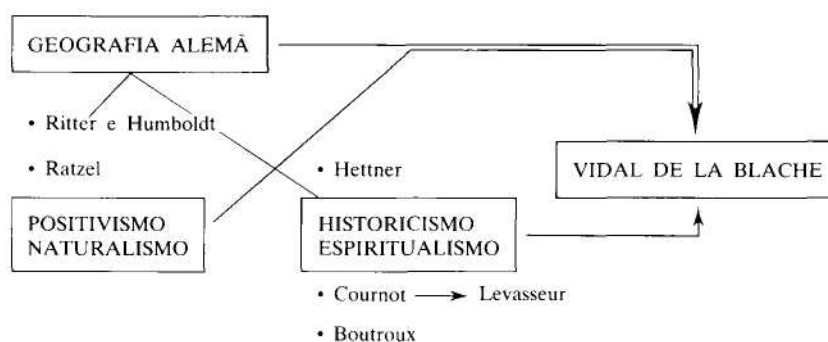


Fig 2 - Rede de influências em Vidal de la Blache.

Deste entrecruzar de influências várias, às vezes contraditórias, resultará necessariamente uma imagem um tanto ambígua da Geografia. Se analisarmos a construção de um conceito chave na geogra-

¹⁰ BROU (1976), demonstra que o recorte regional não é novo na geografia do tempo de Vidal. Desde as «regiões» de Malte-Brun ou Balbi, da «região natural» de Berlioux (1874), até às regiões geográficas de Auerbach ou Schirmer, domina já uma certa geografia regional; «vers 1890, la mode est en France à une certaine géographie régionale (cf. BROU. 1976, pp. 237-245; citação da pág. 242).

fia de Vidal como é o de «Modo de Vida», imediatamente nos confrontamos com um exemplo claro do que é o resultado do compromisso entre as ideias naturalistas que fornecem a argumentação ecológica (Darwin, Haeckel, Taine e Ratzel) e a «culturalização» que Vidal lhe acrescenta, influenciado pelos quadrantes historicistas e espiritualistas. Ao longo do capítulo primeiro da segunda parte dos «Príncipes de Géographie Humaine» (BLACHE, 1922, pp. 103 a 117), intitulado «Os Grupos e o Meio», o autor tece toda uma argumentação cheia de analogias naturalistas e organicistas (citando os autores acima referidos) que parte das considerações acerca da «força do meio natural» (pp. 103 a 106), da adaptação das plantas e dos animais ao meio (pp. 106 a 108), até aquelas referentes à adaptação do homem ao meio, às raças e finalmente aos «modos de vida» (genres de vie). A matriz naturalista prevalece fortemente ao longo de toda esta argumentação, finalizando o autor por reconhecer as influências do «factor social» (p. 114) sobre «as influências soberanas do meio» (p. 114). Por outro lado, tal como Hettner, Vidal constrói uma Geografia que se articula a dois níveis principais de investigação: o geral (a Terra) e o local (a região ou os «pays»); no cerne dos dois o modelo de descrição das relações complexas entre o homem e o meio que, por sua vez, o inclui. Tal é, pensamos, a constante do pensamento de Vidal, presente esquematicamente na fig. 3 (extraída, com simplificação, de NICOLAS-O, 1976, p. 17).

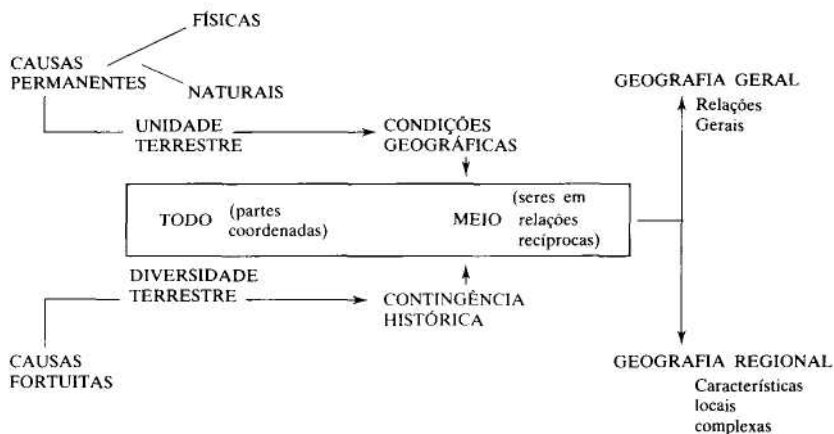


Fig. 3 - Estrutura do pensamento de Vidal de la Blache.

2.2 - O enquadramento ideológico

Apresentadas que estão as bases filosófico-metodológicas na

obra de Vidal de la Blache, iremos agora debruçarmo-nos sobre a ambiência ideológica em França durante o último quartel do séc. XIX e o início do séc. XX e as possíveis influências que ela teve no produto científico (incluindo aqui o seu sucesso e legitimação) do «mestre» da Geografia francesa. Até aqui, como facilmente se depreende da leitura, considerávamos apenas um certo tipo de Geografia Regional, aquela que, por várias razões já apontamos, constituiu a constante da obra dos seguidores de Vidal (Brunhes, Martonne, Demangeon, Blanchard, Max Sorre...) e cristalizou, quase até aos anos 60, a produção científica da Geografia francesa ou de influência francesa; no entanto, a obra do mestre conheceu, mais para os finais da sua vida, uma reviravolta metodológica e ideológica presente no conteúdo de «La France de l'Est (Lorraine-Alsace)», 1916 - «L'idée régionale est sous sa forme moderne une conception de l'industrie; elle s'associe à celle de *métropole industrielle*» (BLACHE, 1916, in LACOSTE, 1979, p. 74) - e com antecedentes bastante anteriores presentes em «Etats et Nations de l'Europe autour de la France» (BLACHE, 1889, cf. LACOSTE, 1979, p. 72).¹¹ Apesar disso, o facto é que, por razões que terão a ver com o sucesso e clareza do método, por um lado e com a solidez da hierarquia universitária francesa (ver pp. 17-20), e com a influência da difusão e impacto da obra de Lucien Febvre¹², por outro, o modelo de Geografia Vidaliano que resultou e se impôs foi o da Geografia Regional que até aqui analisámos (de base naturalista, fundamentado na descrição das paisagens como epifenómenos das relações homem/meio, pouco preocupada com o que hoje chamaríamos a rede urbana, a actividade industrial, os movimentos enfim, com uma análise do espaço funcional). É dessa Geografia Regional que adiante nos ocuparemos.

2.2.1 O Regionalismo francês na alvorada do séc. XX.

Mais que uma prática efectiva, o regionalismo aparece em França, nesta época, como uma ideologia, um discurso do contra-poder estatal; independentemente de saber quem são os agentes desta ideo-

¹¹ Não nos vamos reter aqui na análise metodológica e ideológica deste subconjunto da obra de Vidal de la Blache, nem das razões porque ela foi quase que esquecida pelos seus seguidores. LACOSTE, 1979, pp. 68-81 e LACOSTE, 1979, pp. 82-96, fornece-nos um estudo claro e documentado destes processos.

¹² O seu livro, «La terre et l'Evolution Humaine» (Introduction géographique à l'histoire) - 1922 - , exerceu, nas palavras de LACOSTE (1979, p. 78), «uma influência considerável na corporação dos geógrafos. Foi, com efeito, durante muito tempo a principal reflexão epistemológica sobre a geografia e a sua evolução». Aqui, Febvre defende «uma geografia humana modesta (...) o solo e não o Estado: eis o que deve reter o geógrafo...» (FEBVRE, 1922 in LACOSTE, 1979, p. 79/80).

logia e quais os fins últimos que eles pretendem (resta claro que o alvo é o aparelho centralizado), este discurso é, para além da justificação do conflito, «ele próprio uma das formas do conflito» (ANSART, 1977, p. 117), plasmado em livros, publicações periódicas e panfletos, no teatro, na música, nos romances regionais... (cf. BRUN, 1911, p. 1).

À partida, a ideologia regionalista, a reivindicação da diferença regional corresponde, segundo R. DULONG, a «um momento em que entraem crise o Estado-nação¹³ no momento em que perdem força os dispositivos que fazem dos indivíduos os sujeitos de uma sociedade (nacional)... designando um conjunto e as suas exigências em matéria de emprego, equipamentos, etc.» (DULONG, 1978, pp. 12 e 18); ela corresponde a uma ruptura entre as formações sociais locais (regionais) e o poder de organização do Estado, servindo muitas vezes de fachada a problemas equacionados a um nível mais geral (troca desigual, desemprego...) ou invertendo esses problemas, canalizando potenciais energias para a defesa do sentimento de territorialidade.

A Revolução de 1789 marca em França «a instauração de uma nova ordem, ela é ruptura, violência e rejuvenescimento: uma gigantesca cerimónia de transformação» (CLAVAL, 1980, p. 82), esta transformação exigiu um quadro político-administrativo diferente do «Ancien Régime», fundamentado na responsabilização do indivíduo, na criação de uma sociedade igualitária e no assegurar dos Direitos do Homem - «a ideia de comunidade geral suprime todos os laços naturais do homem em vez de se alimentar deles (...) esta nova noção de pátria, imperiosa e titânica, toma a forma de uma abstracção pura porque se constrói longe das realidades de que, necessariamente se deveria alimentar» (MARTIN, 1949, p. 305), «o patriotismo confunde-se com a concordância com os Direitos do Homem» (idem, p. 309). Forma-se assim um Estado forte, centralizador, homogeneizador que destrói todos os laços com o passado, com a monarquia, a religião católica, as províncias (o departamento constitui-se como a nova forma de divisão administrativa), a terra; a pertença à França define-se agora, não pelo apego à terra e pela força da tradição, mas sim pela defesa de uma ideologia comum. Segue-se depois, com Napoleão um período expansionista agressivo,¹⁴ triunfante que mitifica

¹³ «L'État est d'abord un concept juridique et politique; la Nation est un concept sociologique. Elle est une communauté humaine qui a développé, au cours des années une identité propre, a pris conscience de cette identité et de son vouloir-vivre collectif et entend de préserver l'un et l'autre.» (ROY, 1980, p. 110).

¹⁴ Os Nacionalismos Europeus do séc. XIX afirmavam-se como uma resultante, uma auto-defesa à invasão estrangeira por parte da França Napoleónica (cf. MARTIN, 1949, p. 327).

e solidifica toda esta construção ideológica, dando-lhe força. De uma maneira ou de outra, esta ideologia nacionalista abstracta subsiste até que a França começa a sofrer os seus reveses expansionistas. O golpe mais profundo é a guerra e a derrota de 1870 com a Alemanha de Bismark que amputa à França duas províncias orientais, a Alsácia e a Lorena; esta derrota confronta os franceses com uma nova e dura realidade - «Les Français, aveuglés de tant des chimères devant l'Europe forgée par le principe des nationalités, se mirent soudain à considérer la dure leçon des faits» (MARTIN, 1949, p. 353). Forma-se assim progressivamente uma nova ideologia patriótica baseada agora na «crítica dos princípios revolucionários quanto à ordem da sociedade; no retorno às bases reais do patriotismo - tradições familiares, corporações de ofícios, províncias e no retorno à consideração do passado, da história» (MARTIN, 1949, p. 356). Hippolyte Taine,¹⁵ no primeiro estudo sobre a França depois da Revolução - «Origines de la France Contemporaine» - traduz bem este novo sentimento de ruptura: «appliquez le *contrat social*, si bon vous semble, mais ne l'appliquez qu'aux hommes pour lesquels on Ta fabrique. Ce sont des hommes abstraits, qui ne sont d'aucun siècle et d'aucun pays, purés entités écloses sous la baguette métaphysique» (TAINÉ, 1876, in MARTIN, 1949, p. 357) - «Le peuple, qui est simpliste, ne s'élèvera sans doute jamais qu'avec peine à la notion d'un patriotisme abstrait, si Fon en supprime tous les éléments concrets et immédiatement tangibles. L'esprit de clocher (...) est l'école primaire du patriotisme' (in BRUN, 1911, p. 73). O regionalismo - «não separatista, mas dando raízes múltiplas à ideia geral de França» (MARTIN, 1949, p. 366) - nasce assim num novo contexto patriota bem expresso nas palavras do poeta e regionalista F. Mistral: «le grand patriotisme nait de l'attachement que Fon a pour son pays, ses coutumes, sa famille (...) la religion, les traditions, les souvenirs nationaux. La vieille langue du pays, et cite par cite, province par province, rivalisons d'étude. de travail et d'honneur pour glorifier diversement le nom de France». (MISTRAL, 1897, in MARTIN, 1947, p. 367); em 1895, um romancista, P. Bourget, transmite-nos uma mensagem semelhante: «nous devrions chercher ce qui reste de la vieille France et nous y rattacher par toutes nos fibres, retrouver la province d'unité naturelle et héréditaire sous le département artificiel et morcelé, l'autonomie municipale sous la centralisation administrative, les universités locales et fécondes sous notre université officielle et morte...» (cit. por MARTIN, 1949, p. 371).

Representante da crise do Estado, da crise da nação, dos sistemas sociais locais ou da associação dos três, reteremos o regionalis-

¹⁵ Já referido anteriormente a propósito da sua influência em Vidal de la Blache.

mo daqui para a frente, apenas como um discurso ideológico exterior (neste caso) às esferas do poder instituído (o Estado), sem nos preocuparmos - não é esse o nosso ofício neste momento - com a origem desse discurso, os seus produtores e actores, a «rede de relações sociais que supõe» (DULONG, 1978, p. 123) ou as práticas e clientelas que mobiliza, excepto o próprio discurso que é, em si mesmo, uma faceta dessa prática.

O conteúdo deste novo patriotismo vamos encontrá-lo no livro de J. Charles-Brun, «O Regionalismo» (Paris, 1911), já citado. O autor, um dos principais ideólogos do regionalismo francês da época, é, nesta altura, «Agrégé» da Universidade, professor do Collège des Sciences Sociales de Paris e Delegado Geral da Federação Regionalista Francesa; o livro (285 páginas), do qual apresentamos o índice em anexo (ANEXO I), constitui uma apresentação sintética e básica do Regionalismo, reunindo uma pesquisa bibliográfica imensa, retrata todo o intenso impacto e divulgação da ideologia regionalista em França. É aqui que, para a frente, iremos fundamentar a nossa análise.

O regionalismo constitui uma contrapartida crítica ao excesso de *centralização administrativa* do Estado (cf. cap. II); ao *enfraquecer da «vida local»*, da iniciativa privada, ao desenvolvimento do funcionalismo, à *ingerência do Estado nos negócios locais*, ao *êxodo para os grandes centros* (cf. p. 1 e 2, sublinhados nossos); constitui uma alternativa ao federalismo¹⁶ e contém processos de *desconcentração* e *descentralização* (p. 52/53) do poder central; é uma *concepção organicista de patriotismo* - «vouloir que la vie et la prospérité de chaque région de France ait un dessein patriotique au premier chef, si l'ensemble doit sa vigueur à la vigueur de chacune de ses parties» (p. 72) - e proposta de organização do estado - «donner plus de corps, un corps plus *organique*, moins *mécanique*, à l'unité française» (BONCOUR in p. 75).

As bases filosóficas do Regionalismo são definidas de uma maneira interessante por Charles-Brun e de uma forma de certa semelhança àquelas que fundamentaram a Geografia Francesa e Alemã (sobretudo de Hettner) da época:

1. São uma aceitação do «*determinismo físico* - «c'est le sol qui donne la première moulure à la race» (NOLENT, 1903 in BRUN, 1911, p. 66); da «*théorie du milieu*» (citam-se TAINE e MONTESQUIEU, entre outros) e da «*doctrine évolutionniste*, et spécialement à la partie de cette doctrine qui lie indissolublement *l'homme à la terre*» (nota(2) da p. 66 - citação de M. POINSOT, 1907); por outro lado e

¹⁶ O autor cita inúmeras vezes o livro de Proudhon, «Du principe fédératif...», 1863. Ver, por exemplo, pp. 14, 18, 84, 128, etc.

confirmando, diz que «nombre de *positivistes* se montrent favorables à notre doctrine» (p. 66.¹⁷).

2. São um «esforço de conciliação em matéria de filosofia política» pois compatibilizam *tradição* e *progresso*; *individualismo* e *unitarismo* - «le problème, écrit M. Boutroux, n'est pas de détruire l'individualité de chaque être, de chaque groupe, de chaque communauté..., mais bien de la faire contribuer, selon ses aptitudes, à l'harmonie de l'ensemble» (p. 70/71) - , *particularismo* e *patriotismo* - «ces patries concentriques et naturelles ne se nuisent pas les unes aux autres, elles ont trois termes: le clocher, la province, la nation» (p. 73, cf. também pp. 71-74).

Para lá das propostas regionalistas que se baseiam na antiga divisão provincial do «ancien regime» (pp. 92-96) e no agrupamento dos «départements» (pp. 96-98), propostas estas que o autor não põe totalmente de parte (ver nota da pág. anterior), as bases para uma divisão regional nova, assentam, fundamentalmente nos seguintes princípios:

a) - *Clima, constituição geológica, relevo, orientação*, produções naturais em suma, o *factor geográfico* - a raça, os costumes, a *história*, «c'est leur ensemble qui rendra la région homogène» (p. 98).

b) - Homogeneidade contendo elementos heterogéneos (montanha, vale, planície) e opostos, unidos pela história, vias de comunicação... (p. 99).¹⁸

c) - Afinidades económicas (cf. p. 99) e cap. VII).

d) - *Funcionalidade* assente no centro urbano regional - «reconnaître» les villes qui, en France, exercent une incontestable influence d'attraction sur les pays qui les entoure, de faire de chacune d'elles de *centre d'une région et d'y grouper toutes les parties de territoire avoisinant sur lesquelles s'exerce Vinfluence dont nous parlons*» (p. 110). Citando Vidal de la Blache - 1910, Charles-Brun diz - «Vidal (...), vê na cidade 'o elo de ligação' (la cheville-ouvrière) da criação regional» (nota (1) da p. 111). Funcionalidade igualmente assente na organização económica da região (cf. cap. VII) «...avant la région administrative, une *région économique*» (p. 107) - , no sector industrial, agrícola e financeiro; a propósito deste último, as palavras do autor são suficientemente claras - «il serait de la plus haute im-

¹⁷ Apesar destas referências do autor, o livro não se caracteriza pelo seu conteúdo naturalista. A propósito das antigas províncias, refere-se que «la division provinciale, là où elle reposait sur des réalités *naturelles, ethniques* ou *historiques*, constituera un des éléments de la nouvelle division régionale» (p. 95); como se pode constatar, à boa maneira «Vidaliana», as bases filosóficas do regionalismo nascem do encontro, da assimilação sem rupturas drásticas do positivismo e do historicismo.¹⁸ O autor defende que as *regiões naturais* dos geógrafos equivalem ao «pays» e não às novas realidades regionais (nota da p. 99).

portante d'empêcher le drainage de l'épargne locale vers les grands établissements de crédit» (p. 201). Da mesma maneira, as organizações sindicais (operárias e patronais), corporações, câmaras de comércio, cooperativas, mutualismos, segurança social e assistência..., devem fundamentar o quadro regional - «Aux besoins mieux connus (dans le cadre regional) s'adaptent les organes. Les entraves qu'apportent au développement économique l'uniformité et l'intervention constante de l'Etat sont brisées» (p. 213; cf. tb. pp. 202-214).

2.2.2 *Regionalismo na obra de Vidal de la Blache*

Para além do impacto deste novo sentir nacionalista regionalista, orgânico, que procurámos sintetizar nas páginas anteriores, Vidal de la Blache viveu-o de perto na Universidade de Nancy entre 1872 e 1875 - «...empezó a ser profesor en la universidad de Nancy em 1872 (...) onde habría estado influido por los movimientos conservadores regionalistas» (NICOLAS-O, 1976, p. 12).¹⁹ Da sua produção científica neste período, diz-nos o mesmo autor: «...Vidal parece pues, en esta época, en plena reflexión patriótico-geográfica. Lo que resulta bastante normal dadas las circunstancias de la universidad en la que enseñaba» (NICOLAS-O, 1976, p. 12). Recorde-se que este período coincide com o «traumatismo profundo» provocado pela anexação em 1870 da Alsácia e da Lorena à Alemanha (cf. BROU, 1974, p. 547), o que faz com que o regionalismo, para além da crítica do estado centralizador, seja uma das respostas possíveis em termos de consciência nacional e afirmação face à agressividade do invasor.

É esta mesma ideia que transparece em Vidal na sua obra de 1903 «Le Tableau de la Géographie de la France», frequentemente apontada como modelo de análise regional «Vidaliana» - o apego à terra, o enraizamento como base de um novo patriotismo em oposição ao nacionalismo Alemão:

«Ce sont ces petits produits (auxquels le sol français se prête) qui rendent possible l'idéal qu'a longtemps caressé l'habitant de la vieille France, et qui et qui reste encore *enraciné* ça et là, celui de réaliser et d'obtenir sur place tous les éléments et les comodites de la

¹⁹ Charles-Brun, 1911, faz inúmeras referências à «l'école de Nancy», onde, desde 1865, «les diverses fractions de l'opposition adoptaient le projet connu sous le nom de *Programme de Nancy* (...). En résumé, l'école de Nancy propose de «fortifier la commune, qui chez nous existe à peine; créer le canton, qui n'existe pas; supprimer l'arrondissement, qui ne répond à rien; émanciper le département» (p. 30). «Les affaires de la commune à la commune, *celles de la region à la région*, celles de la nation à l'Etat» - *Programme de Nancy*, 1865 (p. 129). Ainda segundo o mesmo autor «l'école de Nancy provoqua la création d'une ligue Lorraine de décentralisation» (BRUN, 1911, p. 30/40).

vie. C'était bien le désir que devaient suggérer ces «benoits pays», repartis de tous côtés, dans lesquels il n'était pas chimérique de rever une existence abondante, se suffisant largement à elle même. Généralisez cette idée: *elle ressemble assez à celle que la moyenne des Français se fait de la France*. C'est l'abondance des «biens de la terre», suivant l'expression chère aux vieilles gens, qui pour eux s'identifie avec ce nom. *L'Allemagne représente surtout pour l'Allemand une idée ethnique. Ce que le Français distingue dans la France*, comme le prouvent ses regrets quand il s'en éloigne, *c'est la bonté du sol. Elle est pour lui le pays par excellence*, c'est-à-dire quelque chose d'intimement lié à l'idéal instinctif qu'il se fait de la vie» (p. 50, sublinhado nosso).

«Un atmosphère ambiante, inspirant des manières de sentir, des expressions, des tours de langage, un genre particulier de sociabilité, a enveloppé les populations diverses que le sort a réunis sur la terre de France (...).

Il y a donc une force bienfaisante, un *genius loci*, qui a préparé notre existence nationale et qui lui communique quelque chose de sain. *C'est un je ne sais quoi qui flotte au-dessus des différences régionales. Il les compense et les combine en un tout: et cependant ces variétés subsistent;* et leur étude, qui va maintenant nous occuper, est la contre-partie nécessaire de celles des rapports généraux qui précèdent» (p. 51/52, sublinhado nosso).

Il est peu de parties de la France qui ne gardent les traces d'un *long développement autonome né des lieux mêmes*». (p. 53, sublinhado nosso).

Os excertos do «Tableau de la Géographie de la France», transcritos acima, são suficientemente claros e explícitos para nos transmitir os fundamentos básicos do regionalismo, assentes na analogia organicista da ideia de Pátria,²⁰ no apego à terra, nas especificidades dos «pays» e das regiões e na valorização dos «modos de vida tradicionais» (estes últimos tradutores de uma certa nostalgia ruralista do passado e da tradição), constituindo afinal as bases ideológicas de uma crítica ao Estado centralizador: «...ce n'est donc plus l'état élémentaire d'une contrée ou les Communications mal reliées entre elles obéissent surtout à des rapports locaux. Un système de routes suppose un développement politique avance, dans lequel les moyens de com-

²⁰ Diz-nos Capei, citando Vidal (1888), acerca das analogias orgânicas de influência naturalista e positivista: «Las comarcas y las regiones son consideradas como individuos humanos que se agregan como células vivas en un organismo que es la patria» (in CAPEL, 1981, p. 295, subl. nosso.). Afirma-nos, continuando a mesma ideia, ESTÉBANEZ: «...estas nuevas regiones facilitaban el sentimiento nacionalista a través del desarrollo del sentido de pertenencia local, integrado en un todo orgánico, funcionando armónicamente bajo la dirección del Estado» (ESTÉBANEZ, 1983, p. 55).

munication sont combinés entre eux, tant pour assurer à l'Etat le libre emploi de ses ressources et de ses forces, que pour mettre la contrée en rapport avec les voies générales du commerce (...) *les rapports se sont noués entre Paris et les provinces, mais au détriment de ceux que les provinces entretenaient les unes avec les autres*» (BLACHE, 1903, pp. 377 e 383, subl. nosso.)²¹, aliás, todo o conteúdo da conclusão do «Tableau...» - «La Centralisation et la vie d'autre-fois» - , adivinha uma crítica ao centralismo político-administrativo (cf. BLACHE, 1903, pp. 377-386); o carácter atávico deste regionalismo encontra várias referências além daquela da p. 50 que transcrevemos duas páginas atrás - «...et à travers ces classes sociales (pay-sans, bourgeois, nobles, artisans...) la pensée (patriotique) atteint et découvre ce qui en est le fond et la raison d'être, *le sol français*» (...) la robuste constitution rurale que donnent à notre pays le climat et le sol est un fait cimenté par la nature et le temps. Il s'exprime par un nombre de propriétaires qui n'est égalé nulle part. *En cela reside, sur cela sappuie une solidité*, qui peut-être ne se rencontre dans aucun pays au même degré que chez nous, *une solidité française*. Chez les peuples de civilisation industrielle qui nous avoisinent, nous voyons aujourd'hui les habitants tirer de plus en plus leur subsistance en dehors; *la ferre reste, chez nous, la nourricière de ses enfants. Cela crée une différence dans l'attachement quelle inspire*» (BLACHE, 1903, pp. 384 e 386, subl. nosso); esta última afirmação, numa clara referência à Alemanha («les peuples(...) qui nous avoisinent») e à especificidade da realidade patriótica francesa baseada nos pressupostos que temos vindo a desenvolver, dá a tónica geral da obra, podendo nós encontrá-la não apenas aqui, na conclusão, como também ao longo do desenvolvimento anterior (cf., por exemplo, o excerto da p. 50 que transcrevemos atrás).

As ideias regionalistas e as metodologias geográficas consequentes não se esgotam em Vidal de la Blache, no modelo de estudo regional «clássico» proposto pelo «Tableau...»; já atrás referíamos (ponto 3.2), citando LACOSTE (1979), que Vidal possuía outras maneiras de «construir» as regiões, dando uma importância maior à organização económica das regiões industrializadas e ao papel preponderante das «capitais regionais» assumindo um papel cada vez mais «directivo» (cf. BLACHE, in LACOSTE, 1979-A, pp. 86-89). É precisamente esta última proposta - a região entendida como um território

²¹ Sobre este mesmo assunto, diz-nos CLAVAL et NARDY (p. 95): «Sa France (du «Tableau...») est incomplète, elle s'arrête aux marges de la Bretagne, laisse de côté les Alpes, les Pyrénées, le Jura, les régions de l'Est. *Ce qui le séduit au vrai, ce n'est pas que la France soit faite d'une mosaïque de pays mais que les pièces entretiennent des rapports et forment un tout*» (subi. nosso).

rio organizado por uma metrópole regional - que vamos encontrar nas múltiplas referências e citações que BRUN (1911, pp. 56, 57, 96, 105, 111, 188 e 263 a 265) faz de Vidal de la Blache e do seu artigo «Régions Françaises» publicado em Dezembro de 1910 na «Revue de Paris», n.º 15. O mais interessante deste artigo é uma proposta de divisão regional da França em 17 regiões com as respectivas «capitais regionais» (ver ANEXO II), delimitadas «*sous la pression croissante de la concurrence*» (BLACHE, 1910, in BRUN, 1911, p. 264, *subi. nostro*). A nota da página 111 (in BRUN, 1911) é sugestiva acerca da importância que Vidal atribui à cidade - «M. Vidal de la Blache voit dans la ville, 'la cheville-ouvrière' de la création de la région. 'Partout, dit-il, c'est dans une sorte de ville-maitresse quelles (forces d'attraction vis-à-vis des pays; résistance du côté de Paris) prennent corps, quelles trouvent un point d'appui» (in BRUN, 1911, p. 111, *subi. nostro*). Na página 188 e 96, Vidal é citado a propósito da crítica da divisão departamental resultante dos governos pós Revolução de 1789 e da importância da consideração das organizações profissionais de âmbito regional como sendo de primeira importância, segundo BRUN, para a divisão regional. Na página 57, BRUN louva os «Annales de Géographie» e o papel dos geógrafos que «sous inspiration de M. Vidal de la Blache» consagram as suas teses de doutoramento ao estudo das regiões francesas.

Esta nova proposta de análise regional (ver também LACOSTE, 1979 e 1979-A) abre-nos caminhos exploratórios para outras dimensões menos difundidas e retomadas da obra do «Mestre» francês, plenas de contemporaneidade em termos de adaptação por novas linhas de força a que não é alheio o estilizar dos quadros especiais tradicionais mais ou menos fechados e de forte componente rural/tradicional. No entanto não nos queremos aqui alongar mais acerca destes outros conteúdos da obra de Vidal; registamo-los tão só para demonstrar que ele, Vidal, ultrapassou variadíssimas vezes o quadro estritamente académico para se embrenhar por outros caminhos mais pragmáticos, mais orientados para a realidade ideológico/social do seu tempo e das solicitações que essa realidade continha. Por esse facto, sem sacrificar qualquer forma de ética da prática científica, mas negando o fechar-se sobre si mesma, importa, mais uma vez, apelar para a necessidade da não separação do científico do ideológico, da produção científica do imaginário e da prática social, sob pena de apenas encontrarmos explicações parciais:

«... O autor das Ciências Humanas faz parte do próprio mundo do seu estudo, vê-o de dentro, não pode separar-se dele, enleado nos seus valores, identificado com os seus ideais».

Março 1985

(RIBEIRO, 1970, p. 106/107)